A MULHER QUE EMPODERAVA MULHERES

Roteiro:
Natalia Montes
Ilustração:
Simone M. Campos





A MULHER QUE EMPODERAVA MULHERES



Jerônima de Mesquita,
assinatura em 10-11-1896

Roteiro:
Natalia Montes
Ilustração:
Simone M. Campos

1ª Edição 2021

Revisão :
Nilza Cantoni

Ilustração e Designer gráfico
Simone Morais Campos

Impressão
Trama Empresa Gráfica

Medidas: 20 X 20 cm

Montes, Natalia
A mulher que empoderava mulheres [livro eletrônico] / Natalia Montes ; ilustração Simone M. Campos. -- 1. ed. -- Leopoldina, MG : Ed da Autora, 2021.
PDF

ISBN 978-65-00-16318-6

1. Literatura infantil 2. Literatura infantojuvenil 3. Mulheres I. Campos, Simone M. II. Título.

21-5497 CDD-028.5



Dedico esta história a todas as meninas sonhadoras, que se tornarão mulheres incríveis e também às mulheres de nossas vidas: mães, avós, irmãs, tias, primas e amigas.

Vamos voltar no tempo...

O ano era 1880, o dia, trinta de abril. Nascia uma menina chamada Jerônima, na Fazenda Paraíso, distrito de Providência, em Leopoldina, Minas Gerais. Seus pais, José Jerônimo de Mesquita e Maria José Villas Boas de Siqueira Mesquita, estavam muito felizes! Os pais de Jerônima se casaram muito jovens e tiveram cinco filhos, sendo três mulheres e dois homens.



José Jerônimo de Mesquita, ao se casar, morou na fazenda Paraíso, que era propriedade de seu pai. Lá nasceram seus filhos. A propriedade possuía, na época, cerca de 110 escravos, que trabalhavam na lavoura cafeeira. José Jerônimo tornar-se-ia o II Barão de Bonfim.

O Imperador, D. Pedro II, concedeu a José Jerônimo o título de II Barão do Bonfim, pelo fato de seu avô ter sido o I Barão. O avô de José Jerônimo foi um influente comerciante no Segundo Império do Brasil.





Jerônima perdeu o pai
aos 15 anos e, aos 17,
casou-se com seu primo
Miguel Manuel Martins.
O casamento, no entanto,
durou pouco.
Jerônima teve um filho,
Mário Martins e,
aos vinte anos,
separou-se.

No século XIX,
as mulheres brasileiras
de classes altas deveriam
obedecer a seus pais e,
depois, aos maridos.
Então, viúva e com
uma filha separada,
Maria José, a mãe de
Jerônima, que agora
morava com sua família
no Rio de Janeiro,
viajou com parte
dela para a Europa.



Foram para a França e lá permaneceram por alguns anos. Ao final da Primeira Guerra Mundial, Jerônima ingressou como voluntária na Cruz Vermelha. O ano era 1918, em Paris. Depois, foi para a Suíça. Ao retornar para o Brasil, Jerônima se encontra com duas amigas, Stela e Bertha . Neste momento, tornam-se ativistas na luta pelos direitos da mulher, juntamente com sua mãe, Maria José, a Baronesa do Bonfim.

